

A interioridade, o homem em si e deus em si em blaise pascal

Interiority, man in himself and god in himself

Dyeison Gabriel José Sinfrônio¹

Resumo: O filósofo francês Blaise Pascal nasceu em Clermont-Ferrand na França em 1623 e faleceu em 1662 ao 39 anos, tem como suas obras principais: *Pensées* (Pensamentos), As Provinciais e o Tratado sobre Aritmética entre outras; Blaise Pascal é conhecido pelo seu destaque na teologia e filosofia, num período em que a filosofia moderna começa a emergir em meados do século XVII, sendo ele contemporâneo a Descartes e Montaigne. A partir da obra *Pensamentos* será abordada a seguinte temática: A interioridade, o homem em si e Deus em si. Essa abordagem tende a uma perspectiva antropológica e filosófica, a fim de trazer à luz ao entendimento sobre a relação entre o homem e Deus por meio da interioridade e um paralelo com o mundo atual.

Palavras-chave: Blaise Pascal, Interioridade, Homem e Deus, consigo mesmo, relação, transcendência.

Abstract: The French philosopher Blaise Pascal was born in 1623 and died in 1662. His main works are: *Pensées* (Thoughts), *As Provincials* and the *Treatise on Arithmetic*, among others; Blaise Pascal is known for his prominence in theology and philosophy, he is from the period in which modern philosophy begins to emerge in the mid-seventeenth century, being contemporary with Descartes and Montaigne. From the book *Thoughts* the following theme will be addressed: Interiority, man in himself and God in himself. This approach tends to an anthropological and philosophical perspective, in order to bring to light the understanding of the relationship between man and God through interiority and a parallel with the current world.

Keywords: Blaise Pascal, Interiority, Man and God, with himself, relationship, transcendence.

Introdução

O filósofo Blaise Pascal (1623 – 1662), num contexto em que a filosofia moderna era emergente, a partir de sua obra *Pensées* (Pensamentos), que são pensamento e reflexões retiradas de suas anotações e organizadas por seus estudiosos. Ao desenvolver seus pensamentos vê a necessidade de chamar a atenção do ser humano para a importância da interioridade, no qual este é o fundamento necessário para a transcendência do homem e a sua relação com Deus, pois ele reconhecia que o homem não era capaz de suportar a si mesmo.

¹ Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Pascal já enxergava além de seu tempo, e nos tempos atuais isso tem se tornado cada vez mais fatídico com o imediatismo e avanços da humanidade, no qual o ser humano vem perdendo as relações consigo mesmo. À medida que também demonstra que a transcendência passa pela relação com Deus afirmando que a felicidade não está em nós, mas também não está fora de nós, mas é encontrada na relação com Deus, que age dentro e fora de nós (PASCAL,1967).

Quando observa e reflete as necessidades de seu tempo, faz objeções a René Descartes e Michel de Montaigne dos quais era contemporâneo, pois ambos tinham concepções a respeito de Deus e do homem contrárias a que ele desenvolve, e sobre ambos defere críticas: “Grandes são os defeitos de Montaigne. Vocábulo lascivos; isso nada vale. Inspira a indiferença pela salvação, sem temor e sem arrependimento. Seu livro não foi feito para induzir a devoção” (PASCAL,1967, p. 52).

Pascal faz a crítica, pois compreende que o homem não pode ser reduzido, e também não deve ser elevado a grau divino, mas atenção neste ponto é para que o homem mesmo sendo falho é capaz de transcender.

Pascal também critica René Descartes com a seguinte frase “Não posso perdoar Descartes; ele bem desejou, em toda sua filosofia, prescindir de Deus; não pode, porém, evitar fazê-lo dar um piparote para pôr o mundo em movimento; depois disso, não precisa mais de Deus” (PASCAL,1967, p. 53). Para Pascal Deus não pode ser reduzido, pois seria inviável, pois ele não é prescindível, logo não é possível a transcendência do homem pois este necessita de Deus.

No contexto conturbado da filosofia moderna emergente, a pergunta que move a reflexão sobre a interioridade, o homem e Deus, se refere a: Como o homem em si e Deus em si se relacionam a partir da interioridade? A obra de Pascal aponta a resposta fundamentada no campo antropológico, a destaque para a relação humana ante o transcendente e na própria relação do homem consigo mesmo.

Na perspectiva de Pascal o ser humano é um sujeito de relações, ele é capaz de transcender a si mesmo, porém para que ele alcance tal feito, antes é necessário que sua transcendência seja alcançada por meio da relação com Deus, pois sem essa transcendência primeira ele seria incompreensível a si mesmo.

O homem é capaz de se suportar, pois, para alcançar a compreensão necessária o ser humano precisa silenciar, para a partir deste possa atingir o conhecimento de si próprio na relação consigo mesmo. A interioridade aterroriza, pois, é nela que o homem confronta o seu ser, mas também é nele que tem a possibilidade de se relacionar com Deus.

Para o homem alcançar tal capacidade, só será possível mediante a possibilidade de ele orientar-se pelo *intelligere e o cordis*. Isso significa que a razão do homem é limitada no conhecimento de si próprio, e necessita estar sempre em processo de conhecimento próprio ante suas capacidades e limitações.

No que Pascal afirma sobre o *cordis*: O coração tende a amar de modo natural o ser universal e a si próprio normalmente, isso se dá a partir de sua entrega (PASCAL,1967.). Nessa proporção compreende-se que o conhecimento de Deus em si mesmo passa também pelos afetos, não somente pela razão, mas na compreensão de si mesmo ante os afetos.

Ao apresentar esses dois pontos *intelligere e cordis* no qual se fundamentam as relações antropológicas, entre eles há uma necessidade hipotética de relação, no qual temos sua conjunção de um conhecimento limitado, que ao ser formulado passa pela razão, porém ele se torna transcendente à medida que também passa pelo afeto.

Na relação do homem com Deus, a interioridade que se desenvolve no *intelligere* e no *cordis*, se desenvolve primordialmente através do conhecimento pautado na razão e depois no afeto, pois para Pascal o acesso a Deus não se faz sem o afeto e a inteligência, e é através destes pode se alcançar o fundamento ontológico absoluto.

O fundamento ontológico absoluto o qual aqui é referido, é a concepção dessa relação antropológica de Deus e o homem, na qual não é permitida somente mediante a razão, pois se o fosse Deus estaria dentro de um enquadramento racional do homem, portanto não seria Deus e não existiria uma relação. A respeito dessa relação é possível atentar-se ao deísmo contido em Pascal. A necessidade que homem no conhecimento de si mesmo através do uso da razão chegue ao conhecimento das coisas infinitas, e sobremaneira a Deus por meio de suas experiências proporcionadas pelo *intelligere* e pelo *cordis*.

1 O repouso como perspectiva metafísica

O objetivo do primeiro tópico tem como princípio uma apresentação e conceitualização da interioridade como repouso, no segundo é apresentado o papel fundamental da interioridade no âmbito da felicidade e do conhecimento, e objetivamente no terceiro tópico ressaltando alguns pontos dos tópicos anteriores demonstra a interioridade como a via de transcendência.

Para compreender a interioridade em Blaise Pascal, antes é necessário saber como ela é conceituada no contexto antigo e na atualidade, pode-se observar a partir da breve citação do vocábulo do dicionário de Nicolas Abbagnano o seguinte: “nasce juntamente com a noção de consciência (v.) e expressa a oposição entre o que é alheio à consciência e o que lhe é próprio” (ABBAGNANO,1901-1990, p.489.) e no contexto atual de modo subjetivo como “estado ou

caráter do que é íntimo, individual ou particular”(DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2022 Online). Como já situado pelo vocábulo pode ser compreendida, como voltar-se para dentro, aquilo que é íntimo e até mesmo o que é próprio do indivíduo, mas para Pascal ela está associada ao repouso.

A questão da interioridade está associada à sua ótica sob a realidade do século XVII, no qual é contextualizada como um período conturbado com várias descobertas sendo realizadas no âmbito científico e filosófico, mas sobretudo a sociedade daquele período era muito agitada, sempre envolvida nas jogatinas, nas grandes festas dos palácios franceses, nos imoralismos desenfreados e no divertimento, bem como a sociedade de hoje também é agitada. Essa visão é resultado da vida que Pascal levou em determinado período de sua vida.

O conceito ele se situa em conjunto com o repouso ou até mesmo pode se interpretar com a mesma proporção, de modo que é propício fazer esse paralelo em Pascal. Na obra *Pensées* (Pensamentos), a questão aparece diversas vezes, nessas aparições é possível associar o repouso a interioridade, de modo que é possível compreendê-la como repouso como demonstra Pascal “O repouso, que coloca os homens diante de si mesmo parece-lhes insuportável, enquanto que a agitação lhe proporciona os meios de se aturdiarem” (PASCAL,1967, p. 21).

A partir da frase citada acima como exemplo é possível compreender que ambas são praticamente correspondentes, pois se substituíssemos a palavra repouso da mesma por interioridade ainda teria o mesmo sentido em Pascal.

Ao pensar todo o contexto do século XVII, é notável que as pessoas estejam mais preocupadas com as agitações do que suportar a si mesmas “Procuram na agitação da caçada não a lebre que perseguem, mas o barulho que os ajuda a esquecer-se de si mesmo.” (PASCAL,1967, p. 21). E na sociedade atual do século XXI não é diferente, entre tantas possibilidades a relação consigo mesmo parece distante ao ser humano, e hoje pode-se até situar-se com mais problemáticas somadas, juntamente com as que já existiam desde do século XVII só que com uma outra roupagem.

A interioridade na proporção de olhar a si mesmo, é um convite para o homem contemplar a beleza inexorável e escondida em si mesmo, à medida que o ser humano desenvolve a clareza de espírito é também capaz de ter a clareza de suas paixões (PASCAL,1967). Não basta somente interpretar como ato ou ação de repousar como descanso, pois ela não se situa como ação física, embora possa ser usada para isto, ela tem condicionamento interior, ou seja, naquilo que o ser humano tem de mais profundo consigo mesmo e na realidade metafísica.

A realidade metafísica é possível em Pascal, pois ela converge naquilo que é próprio do ser, seja na perspectiva da visão deísta, no pensar Deus ou na realidade do ser humano. No pensar a perspectiva filosófica da metafísica, é necessário pensar nas entre linhas da filosofia pascaliana, pois ela não aparece explicitamente, mas de modo sutil, quase que despercebido.

Para identificar a metafísica existente em Pascal basta observar e pensar a questão da interioridade/repouso, ou seja; o que seria a interioridade na filosofia pascaliana? Se não está via metafísica, objetivamente não há nenhuma citação sobre essa perspectiva, mas sim uma incitação a perceber que há esse elo metafísico em Pascal.

Ao observar os tempos de Pascal e os tempos de hoje, a interioridade ainda é enfrentada como um grande desafio para o ser humano, das diversas formas, e na atualidade pode-se situar, com grandes avanços tecnológicos sobretudo com celulares, computadores, TVS smart. O mesmo pode se dizer a partir das demandas sociais e suas crises, seja as psicológicas, seja por meios consumista materialista e por fim o imediatismo exacerbado da humanidade, todas essas formas a afrontam..

Os motivos dessa afronta é que o ser humano encontra dificuldade de enfrentar a si mesmo, dificuldade de ter paciência com determinadas situações cotidianas e até dificuldade para o desenvolvimento intelectual. E embora Blaise Pascal tenha pensado tais questões no século XVII, sua filosofia faz refletir na atualidade uma diversidade de problemáticas, como as apontadas acima quando não se pensa numa perspectiva e nem numa capacidade de desenvolvimento de interioridade para o ser humano.

Pela ótica de Pascal, a partir do que viu dos homens e das mulheres de sua época, o repouso é considerado como um empecilho, a eles se apresenta como vantajoso ser disperso e agitado, do que perder tempo em retirar-se e repousar e olhar para dentro de si mesmo, a refletir sobre a vida e a morte, ou qualquer outra reflexão que leve o ser humano a confrontar-se, o filósofo afirma “Divertimento – É mais fácil suportar a morte quando não se pensa nela, do que pensar na morte sem perigo” (PASCAL,1967, p. 83.)

A questão é dada como também a dificuldade do desenvolvimento do pensamento, mesmo que a frase exemplifique a realidade da morte, a interpretação filosófica possibilita transitar para mais áreas do pensamento e da reflexão. “Realmente, é a diversão que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos perde insensivelmente” (PASCAL, 1967, p. 19). E não tão distante como já apontado anteriormente a dificuldade que hoje as pessoas do século XXI encontram, sobretudo no campo dos estudos e nos trabalhos, especificamente naqueles que necessitam de uma concentração maior ou atenção.

Blaise Pascal quando se refere a repouso não a situa como dinâmica de ficar parado, ou de não fazer nada, mas pode se compreender como dinâmica de movimento interno, ação do pensar, e o destaque é para o quanto isso é difícil. Ao observar a mentalidade da época, como percebeu Pascal, o repouso é considerado "Tédio – Nada é mais insuportável ao homem que ficar em repouso total, sem paixões, sem negócios, sem distrações, sem atividades"(PASCAL,1967, p. 84).

Em contraproposta a essa negatividade sobre tal condição do homem, é necessário compreender que se o homem de fato soubesse o que é ficar quieto seria mais feliz, (PASCAL,1967) ou seja o homem não sabe ficar quieto nem muito menos o que de fato é interioridade, pois se o soubesse daria mais valor a esse processo em sua vida cotidiana. Vale ressaltar que embora Pascal apontou alguns aspectos considerados negativos para sociedade daquela época, em nada difere seu pensamento, pois o repouso é considerado como algo de grande valor ao ser humano.

2 A relação do homem com Deus

Ao compreender a noção do homem em si e Deus em si e tê-la refletida nos tópicos anteriores, estabelece-se neste a relação de ambos, embasado no pensamento pascaliano essa relação é estabelecida de modo filosófico e não teológico, embora o possa ser feito.

Quando se pensa na relação do homem com Deus, se pode questionar como isto é feito filosoficamente? A filosofia pascaliana proporciona a visão de Deus como oculto, infinito e incompressível, por essa três característica não seria possível essa relação; porém Pascal em sua obra *Pensamentos* cita a pessoa de Jesus Cristo.

Ao citar Jesus Cristo Pascal o aponta como o mediador entre esse Deus oculto, infinito e incompreensível, claramente esse raciocínio conduz uma teologia; porém é possível também uma filosofia, uma vez que a pessoa de Jesus se situa na história, e seus ensinamentos ajudam no desenvolvimento do pensamento; por tanto em Pascal é possível compreender a figura de Jesus para o homem como exemplo da possibilidade de ir além, assim como afirma seu comentador e estudioso “Só conhecemos Deus por Jesus Cristo. Sem este mediador toda comunicação com Deus se interrompe. Não só é impossível como inútil conhecer Deus sem Cristo” (KRAILSHEIMER, 1983, p. 117).

Para estabelecer essa relação do homem e Deus, como já brevemente explicitado Pascal demonstra a possibilidade da existência de Deus através do argumento da aposta, além dessa demonstração e como bom matemático que era além de filósofo, ele cita a relação da existência do infinito matemático com a existência de Deus, como aponta seu comentador no trecho de

sua obra “Pascal começa com o facto de que aceitamos a existência do infinito matemático, embora os nosso cérebro nunca o possam conhecer e continua a demonstrar que embora a prova racional não possa estabelecer a existência de Deus é contra” (KRAILSHEIMER, 1983, p. 103).

Como exemplificado o homem aceita a existência do infinito matemático, mesmo que já mais o atinja nem o conheça, se vale desse exemplo pois, sendo a matemática um método totalmente racional também deixa o ser humano ante um infinito que não se pode conhecer, mas mesmo assim o credita e com ele se relaciona.

A exemplo do infinito matemático, é possível compreender que também o Deus oculto, infinito e incompreensível é acessível até determinado ponto, que também é possível relacionar-se, mas é factível que Pascal em nenhum momento apresenta um ponto determinante e fundante dessa relação.

O que torna possível sim o homem relacionar com Deus “As provas da infelicidade humana eram efectuadas em grande parte no contexto de um criador remoto, onnipotente, inacessível à razão, excepto como ser incompreensível aceite o infinito matemático “(KRAILSHEIMER, 1983, p. 109).

Assim como bem explicitado por Krailsheimer esse aceite do infinito matemático, é um divisor na questão de Deus e homem, pois é um exemplo sendo de via racional demonstra ao homem que há um limite, mas não o impossibilita de sua relação com Deus.

Ao pensar a relação do homem com Deus, em Pascal representa todo seu desenvolver filosófico o que o faz dele um filósofo cristão, essa relação estabelecida conduz a pensar a miséria do homem, sua transcendência e sua felicidade.

No capítulo anterior e nos tópicos deste capítulo, foi proporcionada uma breve compreensão introdutória sobre a miséria do homem, sua transcendência e felicidade, é preciso compreender que em qualquer seja o homem está sujeito a possibilidade de relação com Deus. O homem, porém, é o artífice desse encontro, pois ele pode tanto tender para um lado como para outro nessa relação como explicita o comentador de Pascal “Felicidade do homem com Deus – há um reduto>> [...] A infelicidade leva ao desespero, o orgulho leva a presunção” (KRAILSHEIMER, 1983, p. 115). O que se apresenta pelo comentador são os oposto ao qual o próprio homem pode optar pela possibilidade de relação ou não.

A condição de felicidade e infelicidade são possibilidades que o próprio alcança no decorrer de sua vida, porém o orgulho e presunção são opostos a aquilo que representa Deus e nisto consiste o desespero do homem, a condição do desespero pode ser compreendida como as agitações, o que levam ao reduto da felicidade do homem com Deus.

A relação do homem com Deus, possibilita a felicidade ao homem conforme se pode notar “A verdadeira moral tem em vista, ao mesmo tempo, nossa baixeza e nossa grandeza. A felicidade não está em nós nem fora de nós; está em Deus, fora e dentro de nós” (PASCAL, 1967, p. 22). Isso significa que a felicidade depende e não depende de nós, pois ela é possibilidade da relação, como já observado antes relação antropológica, pois pensar a partir da felicidade o ponto da relação com Deus o põe diante do transcendente.

Essa relação também é permeada da dúvida como apontado pelo próprio Pascal “Se o homem não foi feito para Deus, por que ele só é feliz em Deus? Se o homem é feito para Deus por que é tão contrário a Deus?” (PASCAL, 1967, p. 101). Esses dois questionamentos apontam para o próprio homem uma vez que se o homem só encontra felicidade em Deus a este não pode ser contrário, de modo que se o homem sendo contrário a Deus representa oposição do que ele representa.

Nada mais explícito que este questionamento que evidencia que a relação homem e Deus é uma via dupla, ou seja, pois estando a relação do homem com Deus é possível sua felicidade ou seja a transcendência que se pode estabelecer por essa relação, e se o homem se encontra como opositor a Deus, ele opõe uma barreira para própria transcendência e ainda mais experimente o fruto de sua miséria contida no seu ego.

E não está tão obstante a contrariedade por meio da inquietude como já relatado antes o que acontece ao homem quando só busca as agitações. “A vida prazerosa e agitada é uma oposição à interioridade, logo esta objeção leva o afastamento do homem consigo mesmo e com Deus.” (MAURIAC; VALERY, 1965). O homem ao contrariar Deus não o atinge, mas atinge a si mesmo, embora provoque o afastamento de relações como representado pelos historiadores de Pascal.

A relação do homem com Deus, possibilita uma melhor reflexão para compreensão do próprio ser humano e para algumas questões e situações que ele mesmo tem buscado compreender e do qual se pode encontrar respostas.

A questão não se trata de uma fé cega, mas se trata da possibilidade de refletir sobre si mesmo a partir de Deus, pois como Deus é incompreensível a partir de sua visão, o homem também é incompreensível a si mesmo, o homem por sua inquietude se torna oculto a si mesmo, uma vez que a inquietude impossibilita a interioridade e o conhecimento de si mesmo.

A relação do homem com Deus depende do homem, ou seja este tem a necessidade de colocar-se a sós, como demonstra Pascal “O homem tem, sozinho, uma conversa interior que é

preciso regular bem: *Corrumpunt mores bonos colloquia prova* (*)². Precisamos ficar em silêncio na medida do possível e só nos entretermos de Deus, que sabemos ser a verdade; assim, persuadimo-nos a nós mesmos.” (PASCAL, 1967, p. 103-104). O homem precisa para relacionar-se com Deus antes relacionar-se consigo mesmo, o que já é conhecido como a interioridade do homem e a transcendência do si mesmo num movimento de superação da superficialidade, barulhos e exterioridades

A compreensão dessa relação é estabelecida pela transcendência do homem e sua capacidade de aceitar essa relação mediante a possibilidade da existência de Deus, de modo que creditado essa possibilidade se relaciona em uma progressiva transcendência na via do silêncio. É neste ponto que estabelecida essa relação, e por este mesmo que é possível essa relação.

3 Como o homem em si e Deus em si se relacionam a partir da interioridade?

Neste último tópico ele se dá como um questionamento, pois até este ponto foi apresentado conceitualizações, contextualizações, fundamentações e alguns questionamentos que foram necessários para que fosse possível compreendê-las, mas o principal deste capítulo terceiro e o questionamento elaborado, pois é a partir dele que será possível compreender o desenvolvimento da relação da interioridade do homem em si e Deus em si a partir de Pascal.

Para compreender como o homem em si e Deus em si se relacionam a partir da interioridade, será abordada a visão filosófica antropológica em seu tripé fundamental que está estabelecido a partir da relação do homem consigo mesmo, a relação com o mundo e a relação com o transcendente. A partir da filosofia pascaliana é possível relacionar a relação consigo mesmo com o homem em si apresentado no primeiro tópico do segundo capítulo³, a relação com o mundo no qual Pascal se refere são as distrações e agitações do homem e a relação com transcendente figurado em Deus.

Para a melhor compreensão da questão ela será brevemente exposta em três partes nessa relação, em primeiro a relação do homem a partir da interioridade, em segundo a relação da interioridade com o mundo e em terceiro a relação com o transcendente a partir da interioridade.

A primeira parte, homem e a interioridade, remete ao próprio homem, pois a interioridade para o homem é fundamental, pois é por meio dela que ele é capaz de chegar ao conhecimento de si mesmo e superar as agitações.

Na segunda parte a interioridade e o mundo, pode se afirmar que não há relação estabelecida pois são opostas, na menor das hipóteses a única relação que existe entre ambas é

² (*) “As más conversações corrompem os bons costumes” (PASCAL, 1967, p. 103)

³ 2. O homem em si e Deus em si

a oposição que ao homem proporcionam, uma vez que este tende a optar por uma delas conforme exemplifica o filósofo “Quem não enxerga a vaidade do mundo é bem vão em si mesmo.” (PASCAL, 1967, p. 77). A afirmação demonstra que a relação do mundo é homem é fútil não passa de um busca de engrandecimento sem sentido, por este motivo se pode compreender que o mundo representa o que é contrário a interioridade.

A terceira parte nota-se que o homem a partir da fundamentação da interioridade é capaz de se relacionar com Deus e transcender, assim como na primeira parte esta relação estabelece ao homem o conhecimento de si mesmo, porém confere a ele de modo diferente se situar no mundo e nas demais relações.

Para Pascal o homem carrega em sua existência um vazio existencial, em sua filosofia ele demonstrar diversos exemplos alguns já até citados nos capítulos anteriores, para ele o que indica e que homem recorre às agitações por que ainda não encontrou Deus e por ainda não transcende, a sua afirmação indica a isso “A maioria dos homens, porém, ao invés de procurar Deus, que é seu único bem (pois o abismo infinito só pode ser enchido por um objeto infinito e imutável, isto é, pelo próprio Deus)” (PASCAL, 1967, p. 21).

A transcendência do homem a partir de relação com Deus, segundo afirmação de Pascal só é possível, pois Deus é infinito e imutável, por esse motivo é capaz de preencher homem que em sua condição é finito e mutável, portanto o homem permitindo ser preenchido por Deus e Deus o preenchendo ele chega à transcendência.

As três partes demonstradas acima auxiliam na compreensão da questão, pois apontam a interioridade como o meio de possibilidade da relação do homem em si e com Deus em si.

O apontamento de Pascal em sua obra *Pensées*, se aplica a condição do homem de miserável, ou seja quando o homem recorre às agitações e se desvirtua na busca pelo conhecimento e condicionado a infelicidade conforme demonstrado na introdução da obra de Pascal “Por ele ser miserável, quando se afasta de Deus, é grande quando Este se aproxima. E aqui estão duas grandes linhas em que *Os Pensamentos* se dividem: miséria do homem sem Deus e felicidade do homem com Deus” (PASCAL, 1967, p. 18).

A citação dá a possibilidade de questionar em que momento a interioridade aparece ou é situada, e de fato ela não é explícita, mas se encontra nas entrelinhas de seu pensamento, uma vez que a proporção da causa do fim último do homem e a felicidade com Deus. É notável que para que haja tal finalidade, se exerça a interiorização e o silêncio, e de modo oposto quando o homem não silencia e não busca a interiorização é infeliz. “Digo sempre que a infelicidade dos

homens vem de uma coisa; que é de não saber ficar quietos dentro de um quarto” (PASCAL, 1967, p. 78).

Pascal a respeito da infelicidade evidencia o exemplo do quarto, o que significa que o homem tem que buscar se retirar, mas que nem sempre por fazer isso ele é capaz de ficar em silêncio. É também possível pensar a partir de Pascal a perspectiva do quarto para o homem enquanto findo em si mesmo não ser capaz de suportar a si mesmo e por isso ele fica inquieto e a mesma proporção na relação com Deus, é daí que provém sua infelicidade.

Segundo Pascal nada é mais triste ao homem do que não ser capaz de conhecer a si mesmo, ou seja, saber quais são suas desgraças o que acabam revelando sua fraqueza de espírito o que indica o homem sem Deus (PASCAL, 1967). A partir da afirmação é possível notar dois tipos de pessoas como afirma o próprio filósofo “Que só existem duas espécies de pessoas a quem se pode chamar razoáveis: as que servem a Deus de todo coração, porque O conhecem ou as que O procuram de todo coração por não O conhecerem” (PASCAL, 1967, p. 38).

A afirmação de Pascal em relação aos dois tipos de pessoas indica que homem na condição de pessoas razoável já desenvolve a partir da interioridade uma relação com Deus, e em segundo as pessoas que não conhecem a Deus mas procuram de coração, isso significa que estão dispostas entrar no processo de interiorização para chegarem ao conhecimento.

A citação possibilita que se desenvolva essa relação a partir do conhecimento, quando no capítulo primeiro é apresentado sobre o conhecimento é memorável que ele desenvolvido a partir da razão, ou seja o homem tanto atinge o conhecimento de Deus pelo *intellegere* como pelo *core*, em ambas é necessário que o homem repouse.

O homem em si e Deus em si se relacionam a partir da interioridade, pode se afirmar isso pois a filosofia pascaliana, estruturada no conhecimento do homem e Deus, possibilitam que a interioridade seja esse meio através do esforço e empenho em interiorizar para ir além seja consigo mesmo ou com o transcendente (Deus). E o relacionamento que proporcionado pela interioridade concede e ao homem que é principal foco desta monografia a relação singular e mútua, singular pois é pessoal e mútua pois não é uma relação individualista, mas exige o encontro.

Visto que o questionamento sobre: Como o homem em si e Deus em si se relacionam a partir da interioridade? A partir do que foi apresentado nos demais capítulos, é possível notar que em Pascal, a estruturação do questionamento “como” na interioridade indica as possibilidades dessa relação como já mencionado anteriormente.

Portanto o questionamento possibilita a disposição e o enfrentamento de si mesmo, numa acrescida relação antropológica, uma vez que todo o desenvolver da relação homem e Deus proporciona a via de transcendência, de conhecimento e autoconhecimento, e da via antropológica na relação mútua e singular de cada ser humano.

Conclusão

A presente artigo abordou a temática sobre: a interioridade, o homem em si e Deus em si em Blaise Pascal, e foi dividida em três tópicos que em uma perspectiva geral abordaram questões sobre a interioridade, o homem e Deus e por último foi discorrido a fundamentação da relação o homem e Deus e suas possibilidades.

Em tese foi primeiramente desenvolvido as questões sobre a interioridade relacionado a metafísica, objetivamente foi fundamental estruturar o conceito de interioridade/repouso, para que os demais tópicos fossem elaborados com rigor na apresentação dos questionamentos e embasamento.

No segundo tópico a partir da estruturação que se obteve no primeiro, foi possível, fundamentar a questão sobre Deus e o homem, fazendo as comparações e distinções e relações da noção de Deus, a partir disto foi possível traçar um paralelo da relação do homem com Deus.

O terceiro tópico teve como prioridade a compreensão da fundamentação da interioridade na relação do homem com Deus, foi utilizado os embasamentos dos demais tópicos, sem contar as fontes das obras utilizada que proporcionaram que se desenvolvessem no último tópico dessa monografia o principal questionamento sobre: Como o homem em si e Deus em si se relacionam a partir da interioridade? O que em tese foi demonstrado em comprovado a partir dos apontamentos e tese desta monografia a partir das afirmações de Pascal.

A partir do que foi apresentado conclui-se que o pensamento de Pascal, em sua estruturação demonstra que a interioridade/repouso são fundamentais ao homem, e que sua importância advém, das relações, e por isso é considerada uma via antropológica de transcendência, pois Pascal sendo filósofo cristão aponta que a relação com Deus possibilita o transcender do homem pela fé. E que o homem só atinge a transcendência, o conhecimento e autoconhecimento mediante a interioridade na medida em que repousa.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007,422p.

Acesso em: 14 de mar. de 2023

ANJOS, Anderson Augusto dos. *Divertimento pascaliano: a agitada busca pelo repouso*. Orientador: Prof. Dr. Luís César Guimarães Oliva. 2011. 145 f. Dissertação (Pós-Graduação Filosofia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. DOI 10.11606/D.8.2012.tde-20092012-113153. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-20092012-113153/publico/2011_AndersonAugustoDosAnjos.pdf. Acesso em: 13 out. 2022.

FERREIRA, Rildo da Luz. *Caminhos para Deus: a razão e o coração segundo Blaise Pascal*. 2012. 212 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1860/1/Rildo%20da%20Luz%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 13 out. 2022.

GILSON. 1 Vídeo (14 min. 52 sec.). *Viver consigo mesmo | A alma de todo apostolado - Série*. Publicado pelo canal Frei Gilson / Som do Monte - OFICIAL, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WRQeHsiSCsE&list=PLWM-D0VS9_EyTPdUMTsrGmor2wZ0GsnQq&index=7. Acesso em: 09 jun. 2022.

GOUHIER, Henri Gaston. *Bergson dans l'histoire de la pensée occidentale*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1989. 132 p. ((Bibliothèque d'histoire de la philosophie)) ISBN 2711610063: (broch). https://docs.google.com/document/d/1b4_6OwEY9dOS2Ebr_eUKb0hmdClnrXNk6ZDPrObf_sBw/edit.

KRAILSHEIMER, Alban; PASCAL, Blaise. Pascal. Lisboa: D. Quixote, 1983, c1980. 145 p. (Coleção mestres do passado; 7).

NASCIMENTO, Juçara dos Santos. *Paradoxos do homem: um estudo sobre a condição humana em Pascal*. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4892/DissJSN.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 06 out. 2022.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo, SP: Cultrix, 1967. 203p. (Clássicos Cultrix). ISBN (Enc.).

ROCHA, Arlindo Nascimento. *Paradoxos da condição humana: grandeza e miséria humana como paradoxo fundamental na filosofia de Blaise Pascal*. 2016. 330 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19558/2/Arlindo%20Nascimento%20Rocha.pdf>. Acesso em: 13 out. 2022.

SINFRÔNIO, Dyeison Gabriel José. *A interioridade, o homem em si Deus em si em Blaise Pascal*. Disponível em:

SOVERAL, Eduardo Abranches de. Pascal: filósofo cristão. Porto: Tavares Martins, 1968. 294p.